



# Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i3>

ISSN 2177-2940  
(Online)

ISSN 1415-9945  
(Impresso)

## As cidades lacustres do Maranhão: as estearias sob um olhar histórico e arqueológico

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i3.39850>

Alexandre Guida Navarro

Alexandre Guida Navarro é mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), doutor em Antropologia pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e possui dois pós-doutorados: um na Universidade Estadual de Campinas em 2008 e o outro na University of Illinois at Chicago em 2017. Foi professor visitante no Departamento de Antropologia da University of Illinois at Chicago com bolsa Fulbright em 2017. É coordenador do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/UFMA), professor do curso de História (DEHIS) e Programa de Pós-Graduação em História Social da mesma universidade. [altardesacrificios@yahoo.com.br](mailto:altardesacrificios@yahoo.com.br)

### Palavras Chave:

Palafitas pré-históricas;  
Índios da Amazônia;  
Etnohistória

### Keywords:

Pile Dwellings;  
Amazonian Indians;  
Ethnohistory

### Palabras clave:

Palafitos; Indios de  
Amazonia;  
Etnohistoria.

### Resumo

Ocupações palafíticas pré-históricas devem ter ocorrido com frequência na Pré-história americana. Algumas crônicas etnohistóricas durante o processo de Conquista na América mencionam-nas. Uma vez que as madeiras utilizadas para a construção destas moradias degradavam-se rapidamente, e, na região tropical, muito mais por conta do solo ácido, as únicas moradias palafíticas que resistiram ao tempo em todo o continente americano são as chamadas estearias, localizadas na Baixada Maranhense. Este artigo examina o contexto em que estas moradias indígenas aparecem na documentação histórica e em um projeto de arqueologia acadêmica que foca nestas habitações palafíticas.

### Abstract

#### **The Stilt Houses of Maranhão: the Pile Dwellings under a historical and archaeological perspective**

Stilt houses must have occurred frequently in American Prehistory. Some ethnohistorical documents during the process of Conquest in America do mention about these dwellings. Since the wood used for the construction of these houses was rapidly degraded, and in the tropical region, much more because of the acid soil, the only pile dwellings that have weathered throughout the American continent are located in Baixada Maranhense. This article examines the context in which these indigenous dwellings appear in the historical documentation and then presents the unpublished results of an archaeological academic project that focuses on the study of kind of houses.

### Resumen

#### **Los palafitos de Maranhão bajo una perspectiva histórica y arqueológica**

Los palafitos pudieron ser comunes en la Prehistoria de América. Algunas crónicas prehispánicas los mencionan durante el proceso de Conquista. Una vez que la madera se degrada con mucha rapidez, los palafitos de Maranhão son una importante evidencia del pasado humano en la vida precolonial indígena. Este artículo examina el contexto de estos palafitos en las crónicas coloniales y presenta los resultados de una investigación arqueológica académica en los palafitos de la Baixada Maranhense.

Artigo recebido em 30/09/2017. Aprovado em 07/12/2017

Agradeço à agência de fomento FAPEMA pelo apoio em dois editais de pesquisa (Rebax e acervo museológico/2013). Agradeço, também, ao IPHAN/MA pelo apoio do projeto "O povo das águas: carta arqueológica das estearias da porção centro-norte da Baixada Maranhense", convenio 8104114/2014/SUZANO/FSADU

## Introdução

Era, realmente, um habitat análogo aos dos atuais sítios-jirau, mas em proporções de verdadeira cidade lacustre e contendo os vestígios de uma cultura indígena própria (machados de pedra, cerâmica pintada e modelada, inclusive fusaiolas, etc.), sem mistura do influxo colonial (LOPES, 1919, p. 140).

Esta bem poderia ser uma citação escrita pelos colonizadores que adentraram a floresta amazônica no século XVI, como a expedição de Orellana e a descrição feita por Carvajal das cidades indígenas que existiam na margem do grande rio das Amazonas. Ou, então, um dos relatos que serviram de buscas desenfreadas, ainda no século XVI, da lendária cidade do El Dorado no Alto Amazonas. Mas não, estas cidades lacustres existiram e as evidências arqueológicas atuais destes lugares indicam o quão pouco se sabe sobre a história pré-colonial da Amazônia brasileira.

Por outro lado, a história do continente americano não começa com a chegada dos europeus, isto já ficou bem demonstrado a partir da revisão e análise crítica da documentação escrita por conquistadores e religiosos a partir do século XVI (Carneiro da Cunha, 1986, 2009; Gruzinski, 1988; León-Portilla, 1984; Todorov, 1987; Monteiro, 1990; Ribeiro, 1983; Melatti, 1987; Almeida, 2010). No que tange à cultura material, a Arqueologia teve um papel fundamental na revisão das teorias autóctones sobre a chegada do homem ao continente americano, demonstrando que o passado indígena do Brasil, por exemplo, era mais antigo do que se supunha (Guidon, 2009; Roosevelt, 2009; Prous, 1992; Funari, 2003).

É dentro deste contexto que a terminologia índio não representa a grande diversidade e heterogeneidade cultural e étnica dos povos que estiveram em contato com os europeus a partir do século XVI (Prado Junior, 1942; Descola, 1957; Ribeiro, 1982; O’Gorman, 1984; Chaunu, 1984; Holanda, 1985; Gruzinski,

1988; León-Portilla, 1984; Todorov, 1987; Bosi, 2000; Cunha, 2009; Navarro, 2009).

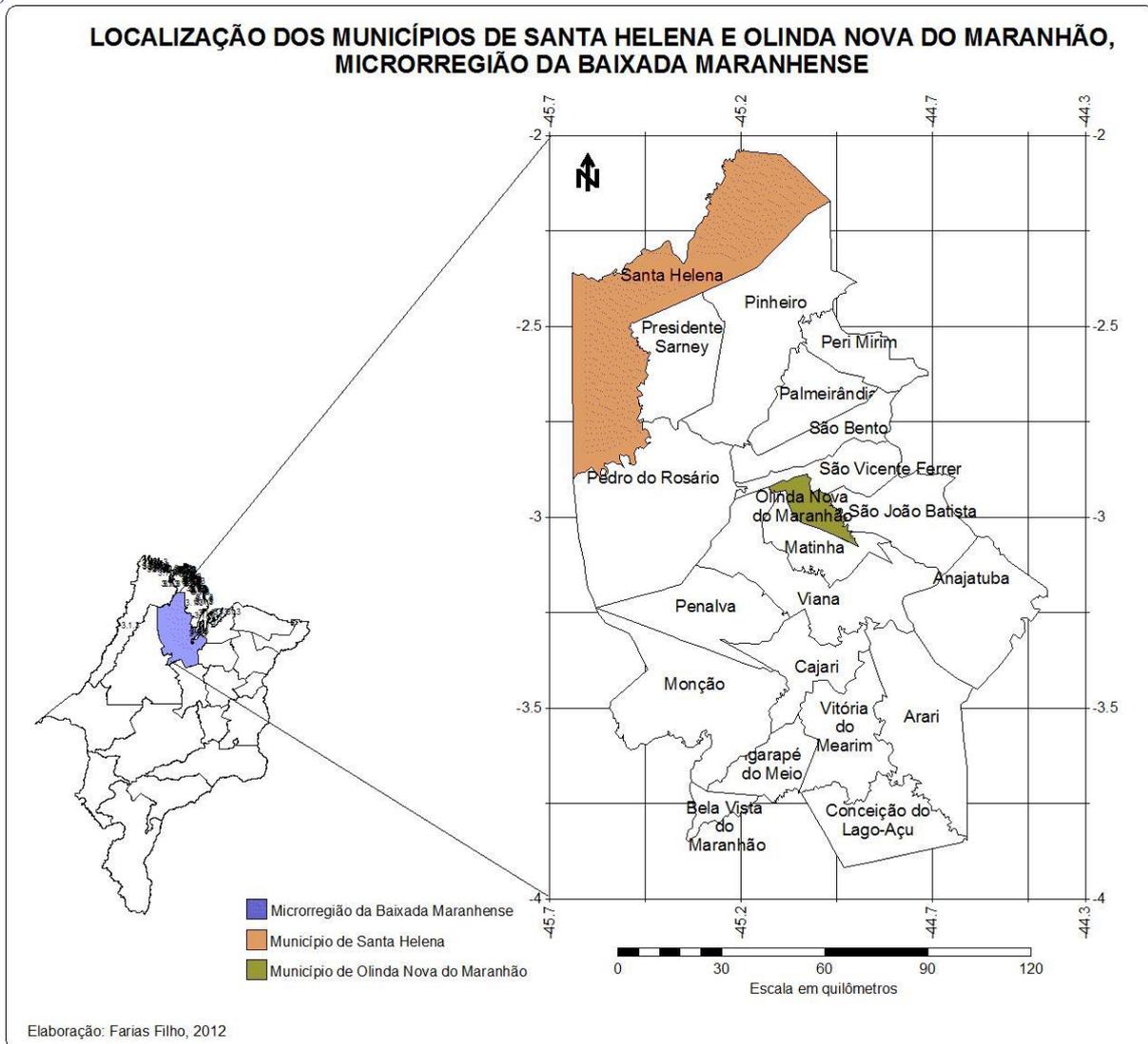
Somente para exemplificar os aspectos culturais mais básicos, nem todo índio morava em cabanas, nem todos eram agricultores, tampouco todos dormiam em rede. Levando em consideração a complexidade etnológica das terras baixas da América do Sul antes e durante o processo de Conquista, este artigo apresenta um estudo histórico e arqueológico inédito acerca das sociedades que viviam em palafitas pré-coloniais no sudeste da Amazônia, o que hoje corresponde ao Estado do Maranhão.

## O que são as estearias?

As estearias são moradias suspensas pré-coloniais construídas com troncos de árvores em alusão à palavra esteio, coletada pelos primeiros escritores nos locais por eles visitados e que se relacionavam à área destas aldeias, correspondendo às palafitas pré-históricas brasileiras (Raimundo Lopes, 1916, 1924; Correia Lima, 1989; Corrêa et al 1991; Leite Filho, 2010; Navarro, 2014, 2016) (Figura 1).

A região onde estão localizadas chama-se Baixada Maranhense, localizada na Amazônia oriental, a 200 quilômetros a sudoeste da atual capital do estado do Maranhão, São Luís. Compreende uma área de aproximadamente 20 mil km<sup>2</sup> dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA) segundo o decreto N° 11.900 de 11 de Junho de 1991 e reeditado em 05 de Outubro de 1991. É importante sublinhar que a área faz parte de um sítio RAMSAR desde 1971 por conta de sua umidade que proporciona condições ideais para a migração de várias aves intercontinentais que se reproduzem neste ecossistema. Nessa região, com um dos menores índices de IDH do Estado, vivem aproximadamente 500 mil pessoas segundo o censo do IBGE de 2006, em cidades como Pinheiro, Santa Helena e Penalva. A população vive da agricultura tradicional, criação de animais e exploração de recursos vegetais nativos, como o coco de babaçu (Figura 2).

Figura 1. Área de ocorrência das estearias



Os sítios palafíticos estão dispersos em uma área de típico bioma amazônico de várzea formada por um complexo sistema hídrico composto de rios e lagos de tamanhos diferentes e que são estabelecidos pela sazonalidade da região marcada por duas estações bem definidas: a chuvosa de janeiro a junho e a estiagem de julho a dezembro (Franco, 2012). A grande quantidade de água da região, por vezes definida pela população como o pantanal maranhense, é

corroborada pelo transbordamento dos rios Pindaré, Pericumã e Turiaçu.

### A documentação histórica

As estearias são sítios arqueológicos únicos em todo o contexto americano (Prous, 1992; Martin, 1996; Navarro, 2016). A referência mais recuada que se tem na documentação escrita acerca destes povos está nas cartas de Américo Vespúcio (2003)<sup>1</sup>, que fez observações

<sup>1</sup> Comunidades palafíticas também se estabeleceram em alguns locais da Europa durante o Neolítico, sendo as mais conhecidas as do lago Constanza na Suíça. Continua a discussão se são sítios lacustres ou somente pantanosos. De toda forma, elas não

importantes sobre comunidades que viviam em espaços alagadiços:

[...] Tomada por unanimidade esta decisão, a partir dali sempre costeando a terra, fazendo muitas voltas e escalas, mantendo todo o tempo encontro com muitos e variados habitantes daqueles locais, depois de alguns dias chegamos enfim a um porto no qual

distrito ou vila, colocada sobre as águas, como Veneza, na qual havia cerca de 20 grandes casas, construídas à guisa de sinos, como já se referiu, e firmemente fundadas sobre estacas de madeira, sólidas e fortes, diante de cujos portais se estendiam pontes levadiças por meio das quais *passava de uma casa à outra como se por uma estabilíssima calçada* (VESPÚCIO, 2003, p. 79 ).

Figura 2. Esteios à mostra na época da estiagem no sítio Coqueiro, Olinda Nova do Maranhão. Detalhe para os milhares de esteios.



Fonte: Fotografia Alexandre Navarro.

aprove ao Onipotente tirar-nos de grande perigo, pois assim que adentramos o porto, encontramos uma população, isto é, um

Ainda que a narrativa de Vespúcio possa estar exagerada, como era o hábito dos

---

entraram no âmbito da discussão neste artigo porque fazem parte de outro contexto e temporalidade que não influenciaram as palafitas do continente americano.

conquistadores para impressionar os imperadores, não se pode negar que o navegador encontrou sítios palafíticos no delta do rio Orinoco. Ainda com relação ao trecho, tais pontes levadiças garantiam não somente a comunicação entre estas diversas casas dentro da aldeia citada, mas também tinham uma utilidade defensiva, como se pode notar na continuação do relato do conquistador:

Os habitantes deste povoado, assim que nos viram, foram tomados de grande medo e, pois, de imediato todos elevaram as pontes como precaução contra nós e em seguida se recolheram em suas casas. Enquanto, com grande admiração, observávamos esse fato, eis que ao mesmo tempo, uns 12 barquinhos – cada um deles escavado a partir do tronco das árvores, que é o tipo de embarcação que utilizam – vimos aproximar-se de nós pelo mar: seus marinheiros admiravam nosso rosto e trajas e, dando voltas ao nosso redor, olhavam-nos de longe. De nossa parte, nós também os observávamos e lhes demos muitos sinais de amizade com que os exortamos a se aproximar de nós sem medo, o que, porém, declinavam fazer. Diante disso, pusemo-nos a remar até eles, que, não querendo de nodo algum nos aguardar, imediatamente fugiram por terra, tendo-nos feito, porém, sinal para que os esperássemos, pois logo retornariam. Subiram correndo até um monte vizinho, de onde tiraram 16 moças e, tendo-as colocado junto consigo nos mencionados barquinhos, regressaram até nós. Puseram quatro delas em cada um de nossos navios, feito que nos encheu então de não pouca admiração, como Vossa Majestade pode avaliar. Depois, dirigiram seus barcos por entre nós e nossos barcos, e falaram conosco tão pacificamente que os consideramos amigos nossos, muito fiéis (VESPÚCIO, 2003, p. 79-80).

Desprendem-se deste episódio vários pontos eloquentes. Primeiro, é provável que estas aldeias ficassem em locais estratégicos já que parece que houve tempo de os índios se recolherem em suas casas tão logo percebessem ruídos diferentes. Segundo, há informação sobre a tecnologia de fabricação das canoas, em

troncos de árvores, aliás, técnica que coincide com a etnografia de quase todos os povos indígenas descritos na América do Sul e, por fim, a forma de comunicação que consistia na troca de mulheres como início de contato, acontecimento este também abundante nas fontes escritas (Costa et al 1986).

Em outra carta, que corresponde a uma nova viagem ao Orinoco, Vespúcio (2003) encontra outra aldeia lacustre, e faz o seguinte comentário sobre ela:

Dessa ilha fomos a uma outra distante dela 10 léguas e encontramos uma grandíssima aldeia que tinha as casas construídas com muitos artifício e maravilha sobre o mar, como Veneza. Acordamos ir vê-las e, quando fomos às suas casas, querendo impedir que nelas entrássemos experimentaram como as espadas cortam e tiveram por bem deixar-nos entrar. Vimos que tinham as casas cheias de algodão finíssimo, e todas as traves das casas eram de pau-brasil. Tiramos muito algodão e pau-brasil e tornamos aos navios [...] (VESPÚCIO, 2003, p. 143).

Esta passagem é importante porque Vespúcio encontra dois produtos importantes do Novo Mundo: o algodão e o pau-brasil. No contexto indígena, o algodão poderia servir para tecer redes e até mesmo roupa. Já o pau-brasil, além da importância comercial, revela a qualidade da madeira utilizada na fabricação dos esteios das casas lacustres.

Referências históricas a povos indígenas que habitavam os rios são encontradas, também, nas terras altas da Amazônia como os relatos de Carvajal na expedição de Orellana (Melo Leitão, 1941) e os de Acuña e Rojas na de Aguirre e Ursúa no século XVI (Porro, 1992). Em uma das viagens o relato sobre os povos Omágua foi o seguinte:

Fomos pelo rio abaixo cinco ou seis dias [...] Chegamos a umas casas fortes que os índios têm por ali, feitas em jirau, altas e cercadas de tábuas de palmeira e (que) tem no alto

troneiras para flechar, e de lá nos feriram os índios quatro ou cinco espanhóis, com vinte que se haviam adiantado com um chefe, e os fizeram recuar; quando chegou a armada a essa casa os índios haviam fugido... Quando queríamos sair daqui apareceram no rio muitas pirogas e índios, as quais, segundo alguns, seriam mais de 100, com muitos índios de guerra (PORRO, 1992, p. 95).

Francisco Vázquez, outro cronista da expedição de Aguirre e Ursúa, chegou ao Peru com informações sobre povos que viviam sobre as águas, provavelmente os mesmos Omágua. Após passar por um povoado chamado Bergantins, Aguirre ordenou que fossem pela margem esquerda do rio, que era alagadiça:

Tendo partido desse povoado dos Bergantins, foram naquele dia para outro povoado dessa mesma província e a partir dali a armada seguiu por um braço do rio que vai pela mão esquerda, afastando-se da terra firme da mão direita que sempre havíamos costeado [...] E ao cabo de três dias e uma noite que caminhávamos pelo braço da mão esquerda, todos despovoados, demos num povoado de poucas casas e muitos mosquitos. O povoado é pequeno e de terra alagadiça e as casas são quadradas e, na maior parte, grandes e cobertas com palha de savanas: até aqui não as vimos. A gente desse povoado nos ouviu e fugiu. Encontramos nesse povoado algum milho, beiju e peixe assado em jiraus, e pegava-se muito (dele) com anzóis (PORRO, 1992, p. 91).

Nesta passagem há pela primeira vez informação sobre a forma das casas e a maneira que foram construídas, além da característica defensiva e estratégica anteriormente pontuada por Vespúcio. Alimentos que compunham a dieta destes povos são, pela primeira vez noticiados, como o milho e a prática da pesca. A descrição continua, e o destaque são as ameias ou aberturas no topo das construções com função bélica:

Fomos pelo rio abaixo cinco ou seis dias [...] Chegamos a umas casas fortes que os índios têm por ali, feitas em jirau, altas e cercadas de tábuas de palmeira e (que) tem no alto troneiras para flechar<sup>2</sup>, e de lá nos feriram os índios quatro ou cinco espanhóis, com vinte que se haviam adiantado com um chefe, e os fizeram recuar; quando chegou a armada a essa casa os índios haviam [...] Pensávamos que nos vinham atacar e nos preparamos para a batalha, mas eles se desviaram de nós e nós saímos contra eles; mas como estávamos naquele esteiro tão acima (terra adentro), quando chegamos ao curso maior do rio haviam desaparecido e nunca mais os vimos nem soubemos onde tenham suas povoações (PORRO, 1992, p. 95).

Já entre os cronistas franceses estabelecidos no Maranhão no século XVII, a citação mais importante é a de D'Evreux (2007), que menciona este tipo de moradia foi construída pelos índios Camarapim no rio Pacajás, no atual Estado do Pará, entre os anos de 1613 e 1614 e, se as mesmas existiram, até hoje não foram localizadas arqueologicamente:

O rio Pará, desde a foz, ao longo das margens, é muito povoado de tupinambás; chegando [o Sr. de la Ravardière] à última aldeia, situada a 60 léguas da sua embocadura, todos os principais desses lugares lhe pediram insistentemente que fosse guerrear os camarapins, que são muito ferozes, que não querem paz como ninguém, e por isso não poupam os inimigos, pois quando os cativam, matam-nos e comem-nos; poucos dias antes tinham matado três filhinhos de um dos Principais dos Tupinambás daquelas regiões, e guardaram os ossos deles para mostrar aos pais a fim de mortificá-los ainda mais. Este exército de franceses e de tupinambás, em número de 1.200, saiu do Pará entrou no rio dos Pacajaras, daí dirigiu-se ao de Parisop, onde encontraram Uaceté ou Uacuaçu, que, simpaticizando com este movimento, ofereceu para reforçá-lo 1.200 dos seus companheiros. Aceitou-se apenas um pequeno número deles, que os acompanhou,

<sup>2</sup> Segundo Porro (1992: 111) o povoado ficava no rio Paru.

e os encaminhou ao lugar onde residiam os inimigos, os quais encontravam-se nas Iuras<sup>3</sup>, que são casas feitas à imitação das Ponts aux Changes e de S. Michel de Paris, colocadas no cume de grossas árvores plantadas na água. Foram imediatamente cercados pelos nossos, que os saudaram com 1.000 ou 1.200 tiros de mosquetaria em três horas. Sobre alguns dispararam-se tiros de morteiro, e de canhão, incendiaram-se-lhes três Iuras, morrendo nessa ocasião 60 índios deles, o que somente serviu para mais aumentar-lhes o desespero, pois antes preferiam o fogo a cair nas mãos dos tupinambás. (D'ÉVREUX, 2007, p. 30).

O contexto histórico em que D'Évreux (2007) escreve já é totalmente tupinizado, levando-se a considerar que os povos das estearias tivessem contato com povos tupiguaranis. Se levarmos em consideração a natureza bélica tupiguarani, é possível que estes povos pudessem ter tido algum tipo de relação com as sociedades palafíticas. No entanto, como se tratará mais adiante, não existe datação radiocarbônica que evidencie tal contato, os povos das estearias são mais antigos que os tupis, além de que os ecossistemas que ambas as sociedades escolheram são muito diferentes (Brochado, 1984; Noelli, 1996). Por outro lado, características culturais assinaladas por outros cronistas, como a qualidade das madeiras usadas na construção e a natureza beligerante dos palafiteiros podem ser evidenciadas na obra de D'Évreux (2007).

Quando a região do rio Pacajás, no atual Estado do Pará, começou a sofrer maiores incursões colonizatórias, os combates entre portugueses e tupiguaranis intensificaram-se. Entra em ação a mesma cena dramática vivenciada em São Luís: os franceses uniram-se aos Tupinambá para lutar contra os portugueses.

No entanto, um capítulo inusitado desta história chama a atenção: a mesma união franco-tupinambá contra outros indígenas, os Ingaíba, que, pela descrição do Frei Antonio de Merciana, também teriam vivido em palafitas já que são “gente [que] vive em giraos casas levantadas a maneira de sobrados”<sup>4</sup>.

Já no século XVIII, o jesuíta João Daniel (2004) escreveu o seguinte sobre os povos palafíticos da Amazônia, associando-os os povos aos índios Puru:

Como também o rio Coari, que abaixo dele se segue, e ambos ficam defronte das cinco grandes bocas do rio Japurá, além de muitos outros grandes ribeirões. Tem abaixo o seu séquito o rio Purus, assim chamado pela nação dos índios purus, que nele habita e em seus grandes lagos; é de comprida navegação para cima de um mês, e nas suas cabeceiras, dizem que há grandes, e excelentes campinas, onde se apascentam grandes manadas de gado vacum pastoreado, como alguns dizem, por gente a cavalo, ou sejam índios, ou castelhanos. Tem este rio grandes praias, e muitos lagos, sobre os quais vivem em seus tijupares os índios purus, e outros (DANIEL, 2004, p. 55-56).

Mais adiante em seu relato, Daniel (2004) relata costumes que lhe chamou atenção entre a nação Purus:

Purus é uma nação que habita sobre os lagos do rio Purus, que dele tomou o nome. Não tem uso de comer a farinha de pau, como todas as mais nações do Amazonas; não sei se por não terem o trabalho de a cultivar, se por não serem aptos para estas sementeiras os seus lagos; porque quer terra firme a mandioca, em lugar dela têm por sustento usual várias frutas do mato, de que fazem farinha, ou as comem e levam assim mesmo a dente, como macaco. Também comem o

<sup>3</sup> Segundo Ferdinand Denis (nota 21 da obra de D'Évreux: “Esta ligeira descrição das casas aéreas construídas sobre mangues e troncos das palmeiras muritis lembra um fato bem curioso, classificado outrora como fábula... É bem possível que haja alguma exageração, porém o fato é autêntico e deu-se na foz do Orinoco [...]”).

<sup>4</sup> Arquivo Histórico Ultramarino, Projeto Resgate. AHU-ACL-CU-013, Cx. 1, D.1. Pesquisa realizada pelo estagiário Darlan Sbrana. Relatório de atividades referente à sua pesquisa de Iniciação Científica. Texto não publicado.

cacau, não confeitado, como os brancos e europeus, e em muito gostoso chocolate; mas a mesma pevide nua, e crua como Deus a criou; embora seja amargosa, que o seu desfastio, juntamente com o costume, não só lha tem adoçado, mas também lha faz saber a gaitas. Têm nas suas terras muita abundância de cacau, não porque o plantem, ou cultivem, porque não têm essa habilidade, nem necessidade desse trabalho, mas porque as suas matas e ilhas estão cheias. Também não usam de arcos-e-flechas, como os índios, mas todas as suas armas são a balesta, em que são destríssimos, e mais que insignes frecheiros (DANIEL, 2004, p. 360).

Uma informação importante acerca destes povos pela primeira vez aparece nas crônicas: os palafiteiros não praticavam a agricultura e sim coletavam frutos. Arqueologicamente falando é impossível que isto seja verdade, uma vez que os palafiteiros produziam grande quantidade de cerâmica. No entanto, a asseveração deve ser entendida que eles praticavam pouco a atividade horticultora. Levando em consideração que os povos das estearias moravam nos lagos e rios é muito mais provável que retirassem o alimento deste ecossistema que da terra firme. Por outro lado, o fato de eles coletarem o cacau, fartamente distribuído na região segundo Daniel (2004), é uma passagem relevante no que tange à manipulação genética das plantas da Amazônia, pois hoje sabe-se que as terras pretas amazônicas, locais altamente férteis, sofreram intervenção e manejo humanos, sendo que o homem foi responsável pela disseminação de muitas plantas, sobretudo as de origem palmeirítica (Balée, 1998; Denevan, 2001).

Em um trecho peculiar, Daniel (2004) faz uma observação instigante acerca da forma organizada em que os povos das palafitas viveram. Novamente, a associação entre estearias e tapuias, portanto inimigos dos Tupinambá, volta a ser mencionada:

Dignos são por certo das histórias os anfíbios castores, que também têm seu lugar no rio Amazonas, posto que mais retirados, ou mais raros; talvez por mais dignos, porque sempre foram raros os bons! [...] Vivem juntos, como em bem ordenadas, e reguladas repúblicas. Fazem as suas casas sobre as enseadas dos rios, ou em cima dos lagos, as quais formam de paus, levantadas sobre jiraus com sua semelhança as casas dos tapuias; e nelas fazem seus repartimentos, e divisões. (DANIEL, 2004, p. 134-135).

Daniel (2004) faz uma consideração relevante ao tratar de como as aldeias eram construídas, sendo que utilização da madeira de boa qualidade tinha como propósito a longa durabilidade das casas:

Pau ocapu<sup>5</sup>, isto é, pau de casa, ou de que se fazem as casas; [...] Dele se fazem os esteios para as paredes, as vigas para os sobrados, e o tabuado para as varandas, que são eternas; resistindo às águas, e umidades, aos rigores do sol, e às inclemências do tempo. É só na superfície da terra pela diuturnidade do tempo, depois de 40, 60 ou mais anos se cortam, ficando o pé, que está debaixo da terra, muito são, como também para cima; mas como nas casas, e palácios se atacam por cima com travessas do mesmo pau, nunca têm algum prejuízo; e se para evitar esse inconveniente lhe fazem alicerces de pedra nos lugares alagadiços, ou do mesmo pau enterrado, ficam os esteios, e as casas eternas, e o mesmo nos lugares secos (DANIEL, 2004, p. 488).

Por fim, a passagem mais importante não somente no relato de Daniel (2004), mas sim de todos os cronistas até agora mencionados:

Muitas nações vivem sobre lagos, ou no meio deles, onde têm em cima da água as suas casas feitas da mesma sorte, e só com o ádito de serem de sobrado, que levantam de varas, e ramos de palma, e nelas vivem contentes, como peixe na água. A razão de fabricarem nos lagos as suas povoações e

<sup>5</sup> Acapu é o nome tupi para as plantas da família Fabaceae, como a *Vouacapoua americana*. In: CHUDNOFF, Martin (1984). [Tropical Timbers of the World](#). Madson: Departamento de Agricultura, 1980.

moradias é em uns pela grande fartura que neles têm de tartarugas, bois marinhos, e mais pescado, em outros é para estarem mais seguros dos assaltos dos seus inimigos (DANIEL, 2004, p. 280).

Fica evidente neste trecho que a escolha pelo ambiente aquático é cultural, tem a ver com os gostos pessoais destas populações, associadas à questões práticas de sobrevivência, como a atividade pesqueira para alimentação e a proteção contra o ataque de inimigos. Conhecidas são, por exemplo, as relações entre os currais de tartarugas que serviam de alimento para os índios, como foi atestado por Bettendorff (2010: 29, 559) que narra que estes anfíbios eram criados nestes locais e abasteciam a população durante todo o ano. Além dele, Heriarte (1875: 29) descreve o ambiente aquático em que os animais eram criados e que deles se faziam “muita manteiga com que fazem pam, pasteis, empadas e outras couzas semelhantes” (Navarro e Sbrana, 2016, texto não publicado). É, também, o único relato claro de que os povos das palafitas podiam viver tanto nas margens dos rios como também no meio deles.

### Os relatos arqueológicos na literatura maranhense

Notícias sobre as estearias maranhenses são conhecidas documentalmente pelo menos desde meados do século XVIII. No ano de 1787, o argentino Raimundo J. de S. Gaioso, outrora escrivão do erário nomeado por Pombal, chega ao Maranhão por degredo, acusado de irregularidades. Em sua obra póstuma, de 1818, o autor faz a mais antiga menção que temos sobre as estearias maranhenses, relatando que: “[...] no lago chamado Cajarama [hoje Cajari<sup>6</sup>], onde se acharão á poucos anos indícios de caza; e huma grande canôa já quazi consumida pelo tempo, no mesmo lago, e que dali principiava a dita estrada pelo centro do mato, sem mais se comunicar com o rio [...]” (GAIOSO, 1870

[1818], p. 108).

As estearias são mencionadas, outrossim, na obra *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão* (1870) de César Augusto Marques, que informa o seguinte sobre o verbete Cajari:

Lago ao sul da cidade de Viana. Antigamente chama-se Cajarana. O engenheiro da Companhia de mineração Maranhense assevera existirem nesse lago ainda hoje muitos esteios lavrados, os quais por ocasião das grandes secas ficam descobertos e assim atestam a existência de antigas moradas, que pelo arruamento, claramente visível, indicam ter feito parte de uma povoação, outrora existente à margem de algum rio, cujos vestígios indubitáveis o mesmo engenheiro pretende ter reconhecido. Os moradores mais antigos do lugar, e os próprios índios descendentes dos primeiros povoadores nenhuma notícia dão dessa povoação, que por certa foi habitada por gente civilizada [...] (MARQUES, 1970 [1870], p. 166).

No ano de 1872, o engenheiro Pereira do Lago, incumbido de fazer a carta topográfica da Capitania do Maranhão, ao visitar a vila de Viana, informa que a mesma se comunica com sete lagos, dentre eles o Cajari, em cuja “beira deste lago, em partes que de inverno se cobre d’água, aparecem restos e sinais de que ali havia edifícios e até alinhados em forma de rua” (PEREIRA DO LAGO, 2001[1872], p. 40).

No começo do século XX importantes observações sobre as estearias foram feitas por Raimundo Lopes (1916, 1919) em duas importantes obras sobre a geografia do Maranhão: o *Torrão Maranhense* (1916) e *Uma Região Tropical* (1919), cujo conteúdo das informações permanece atual. O primeiro relato sobre as palafitas aparece na primeira obra supracitada. Escrita aos 17 anos e com uma erudição peculiar para a época, Lopes parece não muito interessado nestes sítios comparando-os com as palafitas amazônicas atuais:

<sup>6</sup> Nota do autor.

E, numa enseada de um lago do grupo do Maracú – o lago Cajari – uma série de alinhamentos de barrotes, cuja ordem indica serem restos de habitações, encontraram-se, por aí e no rio próximo, pedaços de madeiramento e de cerâmica rude. Varias hipóteses podem ser formuladas. A povoação de que aí estão os restos seria construída em terra firme, e, depois invadida por um crescimento ou deslocamento de águas? A ideia é sedutora, mas não passa de hipótese gratuita, permitida pela instabilidade hidrográfica da região, mas tornada menos provável a vista do evoluir dos nossos lagos para a extinção. É muito mais simples comparar a ruína lacustre do Cajari às cazas-giráus; não precisamos para isso de idealizar toda uma civilização lacustre prehistorica: trata-se de uma forma de moradia ainda hoje vulgar na rejão (LOPES, 1916, p. 174).

No entanto, alguns anos depois, em 1919, uma grande seca afetou o lago Cajari e Lopes pôde ver, pela primeira vez, os esteios, mudando sua opinião acerca da complexidade das aldeias. Após esse evento, Lopes parece apaixonar-se pelo assunto: percorre a Baixada Maranhense em busca dos sítios, realiza croquis e mapas dos mesmos, mede o sítio Cacaria na cidade de Penalva em 2km de extensão, faz coleta e, o mais importante, coloca-se em contato com acadêmicos europeus e começa a ler os arqueólogos contemporâneos, como W. C. Farabee (1865-1925), que se dedicava aos estudos sobre a ilha de Marajó. O resultado não poderia ser diferente: 1922 no Congresso de Americanistas realizado no Rio de Janeiro, sob os auspícios do Museu Nacional, apresenta uma conferência sobre o resultado de suas pesquisas nas estearias. Publicado em 1923 pelo Boletim do Museu Nacional, seu texto é um primor, não somente discute as palafitas dentro das correntes arqueológicas mais modernas, propondo sua função, como vai além, inaugurando o que é hoje

uma das maiores discussões arqueológicas amazônicas: as amplas redes de interação social, política e comercial a que estas sociedades estiveram conectadas. Baseando-se em achados de muiraquitãs, Lopes faz comparações com as pedras verdes das sociedades do Circum-Caribe e América Central, além disso, promove a discussão inicial de possíveis relações das estearias com a sociedade marajoara. Este artigo permanece o documento mais importante sobre o que já se escreveu sobre as estearias.

### As pesquisas arqueológicas recentes

O que são as estearias para além das habitações palafíticas? Pesquisas arqueológicas realizadas entre os anos de 2014 e 2017 possibilitaram a obtenção de mais dados que corroboram o entendimento das sociedades que viveram nas estearias maranhenses<sup>7</sup>.

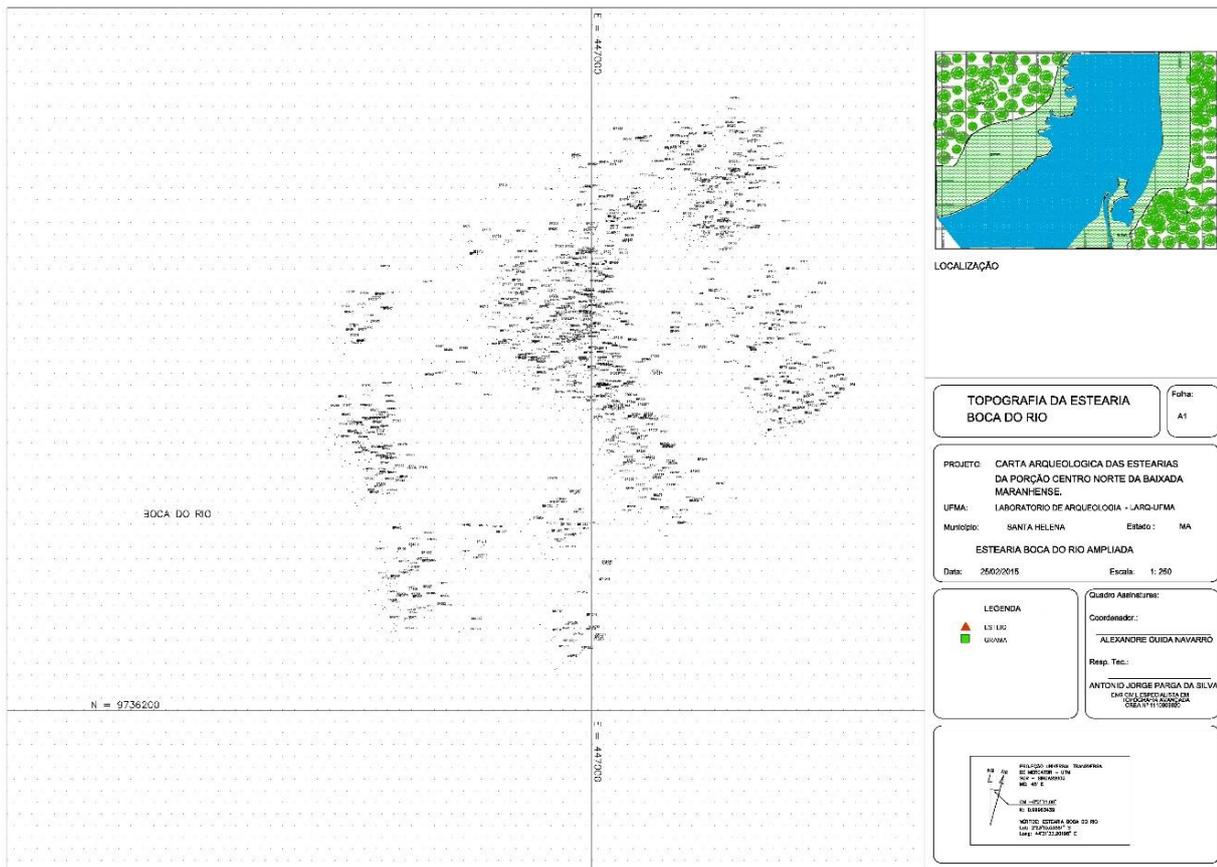
O rigoroso mapeamento de cinco estearias (Encantado, Armíndio, Caboclo, Boca do Rio e Cabeludo) utilizando georreferenciamento por satélite e estação total GPS e GIS mostrou que o uso do nome cidades lacustres é verdadeiro, uma vez que o maior sítio até hoje descoberto, o Encantado, possui 13 hectares, ou seja, comparativamente, corresponde à área de 13 campos de futebol. Os esteios foram construídos com madeira de lei, sobretudo o ipê-amarelo e maçaranduba, alguns deles são mais densos e grossos e outros, menores, parecem ter sido colocados como suporte quando o tronco maior começasse a perder a capacidade de suportar grandes pesos. Os sítios tem uma forma elíptica e possuem vários núcleos de habitação, o sítio Cabeludo, por exemplo, tem oito deles. A informação de arruamentos, que aparece desde as crônicas, e que são reforçadas por Pereira Lago (1872) existe, e foram observados no sítio Cabeludo. É

<sup>7</sup> Projeto de pesquisa desenvolvido pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/UFMA) sob minha coordenação. O projeto intitula-se “*Carta arqueológica das estearias da porção centro-norte da Baixada Maranhense*”, com portaria de número 61, publicada no Diário Oficial da União no dia 6 de novembro de 2015 (como prorrogação da anterior), cujo número do processo IPHAN é 01494.000442/2013-37.

provável que fossem pontes suspensas que comunicavam os diferentes núcleos dentro da mesma aldeia. Os esteios são, portanto, uma construção social e, enquanto cultura material mediam estas ações (Shanks e Tilley, 1987; Costa et al 1986; Funari, 2003).

lagos, como já observaram cronistas e outros estudiosos (Lopes, 1919; Simões, 1971; Corrêa et al 1991; Leite Filho, 2010; Navarro, 2013, 2014, 2016; Costa et al 2016).

Figura 3. O mapeamento do sítio Boca do Rio evidenciou uma concentração de esteios na parte central do sítio, e, à medida que se distancia dela, a quantidade de madeira diminui. Provavelmente o centro estava ligado às demais porções da aldeia através de pontes, os “arruamentos” descritos nas crônicas.



No entanto, a descoberta mais importante é que sempre há um núcleo maior em cada aldeia, e isto pode ser interpretado como uma possível diferenciação na hierarquia do sítio. O binômio centro-periferia é, também, um argumento favorável para a grande concentração populacional das aldeias (Figura 3). Outra inquietação acerca dos assentamentos é que, realmente, eles estão concentrados no meio dos

Para além das questões defensivas, de obtenção de peixe para a alimentação e/ou gosto cultural como salientou Daniel (2004 [1776]), sugere-se que deva haver concepções míticas e cosmológicas acerca da escolha do centro, como demonstrou Eliade (1969), em contextos religiosos universais, e mais especificamente Reichel-Dolmatoff (1971) e Roe (1982) na Amazônia acerca de seus estudos sobre a

projeção do *axis mundi* em que algumas sociedades posicionaram-se.

Datações radiocarbônicas foram realizadas com o objetivo de localizar as estearias temporalmente. Cinco fragmentos de esteios dos sítios acima mencionados foram coletados e datados, obtendo-se a data calibrada dos sítios entre os anos de 770 e 1040 d.C. (Navarro, 2015). Isto demonstra que os sítios são pré-coloniais como já se suspeitava (Lopes, 1919), e irrompem com uma das principais asseverações anteriores: pensava-se que os sítios eram sazonais, e que suas populações migravam quando os recursos naturais acabavam. As datações mostram o contrário, que as aldeias foram contemporâneas e se espalharam em um território de grande alcance regional.

O estudo sobre o material cerâmico evidenciou um canal de informação da estrutura social/ideológica entre os membros da sociedade quando os vasilhames, no que diz respeito a sua forma e decoração, refletem temas míticos e/ou são usadas em ritual (Arnold, 1985). Estas ideias foram veiculadas, sobretudo, pelas estatuetas recuperadas nas estearias. Caracterizam-se pela representação de animais, sobretudo a coruja, o macaco, a tartaruga e o sapo. Algumas delas são antropozoomorfas sendo a zoomorfa a mais recorrente (Figura 4).

Figura 4. Apliques em forma de sapos são comuns nas cerâmicas das estearias.



Fonte: fotografia Alexandre Navarro.

A maioria das estatuetas antropozoomorfas possui um padrão escultórico: as pernas estão abertas formando

uma meia lua e algumas delas possuem a genitália feminina em evidência (Navarro, 2016) (Figura 5). A profusão de estatuetas femininas com a marca da genitália pode evidenciar algum tipo de ritual associado à fertilidade ou puberdade das meninas (Roosevelt, 1988; Barreto, 2008; Schaan, 2001, 2009; Gomes, 2012, 2016).

Figura 5. Estatuetas femininas como a genitália à mostra são comuns nos sítios palafíticos e puderam estar associadas a rituais de fertilidade e puberdade.



Fonte: fotografia Áurea Costa.

Uma estatueta zoomorfa, em especial, evoca a discussão antropológica em torno do perspectivismo ameríndio na arte destes povos: deitada é um sapo, de pé é uma coruja com o tronco humano, além dos braços, humanos também (Viveiros de Castro, 2002). Algumas têm um orifício na região do umbigo, o que pode sugerir, segundo a literatura etnográfica, a função de inalador de substâncias alucinógenas utilizadas em ritual (Porro, 2010). Os apliques na cerâmica são muito recorrentes e são outra característica importante da arte indígena das estearias. Representam ora figuras geométricas, principalmente as mamiformes, ora animais como anfíbios, peixes, mamíferos e aves, sendo parecidos aos daqueles representados entre os povos tapajônicos e Konduri (Gomes, 2012; Guapindaia, 2008). Alguns deles, em forma de sapo, foram identificados com algumas espécies venenosas na Amazônia por analogia biológica. É provável que estes recipientes pudessem ser utilizados em cerimônias religiosas sob o uso de

alucinógeno<sup>8</sup>. (Roe, 1982).

Com relação à iconografia, esta se dá através de linhas ou traços geométricos que delimitam padrões dentro da composição estilística do vaso: são gregas, ziguezagues ou espirais que vão circundando o interior das peças. Existem, em geral, dois campos iconográficos opostos divididos por uma ou duas linhas que cruzam toda a peça, na maioria das vezes os motivos destes dois campos diferem-se entre si, por exemplo, se num campo iconográfico aparecem motivos quadrangulares, no campo oposto estes conformam elementos circulares. Outras, o mesmo desenho se repete, sob um ângulo inverso, ou um negativo, em sentido bilateral formando duas metades. As cores predominantes são a vermelha e a preta, sendo pintadas sobre engobo branco ou creme (Figura 6).

Figura 6. Pintura preta e vermelha sobre fundo branco de vasilhame de cerâmica.



Fonte: fotografia Áurea Costa.

Alguns dos motivos lembram a iconografia tupi, como demonstrou Prous (2005) associando-os ao ritual antropofágico, como a representação do intestino e do cérebro. No entanto, as formas cerâmicas das estearias, bem como suas tecnologias, como os antiplásticos e qualidade da queima, são muito distintos das dos tupis, sendo que o material

cerâmico das estearias evidencia uma melhor qualidade tecnológica e controle da produção (Brochado, 1984; Navarro, 2016).

Dentre as várias vertentes teóricas que se aplicam ao estudo da iconografia e aplicações da cerâmica arqueológica das estearias destaca-se o perspectivismo decorrente do estruturalismo (Viveiros de Castro, 2002; Lagrou, 2007). A observação dos motivos iconográficos, bem como sua repetição e padrão, além da revisão bibliográfica etnográfica da Amazônia, mostram que os motivos geométricos dos vasilhames, são, em geral, representações da pele ou corpos de alguns animais, em especial àqueles do topo da cadeia alimentar, como as serpentes e corujas (Schaan, 2009; Gomes, 2012).

Dois motivos em especial, um tipo de grega e outro duas pinças semicirculares que se unem, são claramente peles de serpente. No primeiro caso representam a espécie *Lachesis muta* ou surucucu, cujas cerâmicas, em geral, são pintadas de vermelho, cor esta que é característica desta serpente; no segundo, a *Eunectes murinus*, ou sucuri, cujo suporte é pintado de preto, que corresponde às manchas desta cobra. A analogia etnográfica evidencia que mitos associando a cobra à criação, como o da cobra-canoa, mãe dos peixes, são recorrentes nas cosmologias amazônicas (Reichel-Dolmatoff, 1971).

Com relação ao material lítico, o achado mais importante foi um muiraquitã, o lendário amuleto amazônico. A peça, que foi encontrada na estearia da Boca do Rio, é o primeiro artefato coletado de forma sistemática, depois dos achados de Lopes (1919). A análise mineralógica constatou-se que é de pedra verde de nefrita confeccionada a partir dos minerais tremolita/actinolita<sup>9</sup> (Figura 7). A peça que

<sup>8</sup> Análises realizadas pelos biólogos Miguel Trefaut Rodrigues e Taran Grant, ambos do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>9</sup> Análise mineralógica realizada pelo Prof. Dr. Marcondes Lima Costa do (Programa de Pós-Graduação em Geologia da UFPA) usando Raman e difração de Raio-X.

possui cerca de 3 cm tem dois furos laterais, provavelmente ficando suspenso, *i.e.* um colar. Com relação ao estilo do artefato, é híbrido, pois o abdômen e patas são idênticos aos muiraquitãs tradicionais, mas a cabeça assemelha-se a traços caribenhos. O artefato coloca em evidência os debates acerca dos aspectos sociais, de interação interétnica e percursos para além das fronteiras políticas regionais que envolvem as sociedades pré-históricas da América Central, do Sul e Caribe (Boomert, 1987; Antczak e Antczak, 2006). Esses amuletos puderam ser símbolo de poder dos governantes e reconhecidos por todas as pessoas nas esferas de interação político-social.

Figura 7. Muiraquitã de nefrita encontrado na estearia da Boca do Rio.



Fonte: fotografia Áurea Costa.

## Conclusão

Este artigo começou fazendo uma revisão acerca da construção histórica sobre o indígena na historiografia brasileira. A história indígena não se inicia com a chegada do colonizador europeu, tampouco é homogênea e linear como foi postulado na historiografia tradicional. Exterminados, sobreviventes, idealizados na literatura, o índio precisa ser enquadrado, também, dentro das discussões acerca da longa duração histórica (Burke, 1991; Braudel, 2004), apesar do protagonismo que o índio alcançou sob os domínios da Nova História Indígena, a partir da década de 1970 e, sobretudo, a partir da Constituição Brasileira promulgada em 1988 (Carneiro da Cunha, 1992; Monteiro, 1994).

Os povos das estearias são somente um destes tantos povos indígenas que evidenciam a grande heterogeneidade de etnias que existia no território brasileiro antes da chegada dos colonizadores. É provável que estas habitações, a exemplo de hoje, fossem comuns no período pré-colonial. No entanto, as únicas que se preservaram arqueologicamente em todo o continente americano são as palafitas maranhenses. Sob este aspecto, os arqueólogos leem os objetos, e, a partir da interpretação, subjetiva, constrói seu discurso (Shanks e Tilley, 1987).

As pesquisas arqueológicas indicam que eles estavam muito bem adaptados ao meio em que viviam, tanto que garantiram sua sobrevivência pelo menos durante 400 anos no mesmo nicho ecológico, o que demonstra, também, a limitação dos estudos da ecologia determinista (Meggers, 1954). É muito provável que a farta natureza piscosa dos rios da Baixada Maranhense, como o Turiaçu, teve um impacto direto na escolha deste ambiente aquático assim como sua permanência por muitos séculos nesta

mesma região. Ainda que no momento não se possa saber a filiação linguística e étnica destas sociedades, pode-se inferir que as mesmas formaram um grupo homogêneo, com cultura material similar, ao longo de um vasto território. Ainda que os estudos acerca dos cacicados amazônicos caírem no seu desuso, sobretudo por sua aceção evolucionista, não se pode esquecer que grandes assentamentos humanos foram vistos pelos cronistas no século XVII, como as relatadas neste texto, além da grande concentração de terra preta de índio na Amazônia, locais hoje muito férteis e que o foram também na época pré-colonial (Carneiro, 1970; Neves, 2005; Balée, 1994; Denevan, 2001). Embora Pauketat (2007) tenha demonstrado que as chefias ou cacicados não foram tipos de governo que caminhavam em direção ao Estado, não se podem negar estudos sérios sobre a complexidade humana, i.e., com hierarquia, na literatura arqueológica, como os estudos dos mounds de Marajó por Roosevelt (1991).

Por fim, ainda não se postulou sobre o porquê do abandono das estearias. Uma vez que os recursos de pesca continuam fartos na região, é provável que algum fator externo tenha provocado o colapso. Alguns estudos sobre aquecimento global no século X na área maia (que coincide com a datação do sítio Armindio em 1040 d.C., o mais recente deles) (Haug et al, 2003), e, recentemente, os estudos sobre o impacto do El Niño no Peru (Andrus, 2008), no mesmo período, podem indicar algum caminho para futuras investigações sobre o declínio dos grupos palafíticos do Maranhão

## Referências

- ANDRUS, C. F. T.; SANDWEISS, D. H.; REITZ, E. J. Climate Change and Archaeology: The Holocene History of El Niño On The Coast Of Peru. Reitz, E. J.; SCUDDER, S. J.; SCARRY, C. M. (editores). [Case Studies in Environmental Archaeology](#). Nova Iorque: Springer New York, pp. 143-157, 2008.
- ANTCZAK, María Magdalena; ANTCZAK, Andrzej. [Los ídolos de las islas prometidas](#). Caracas: [Universidad Simón Bolívar](#)/Editorial Equinoccio, 2006.
- Arquivo Histórico Ultramarino, **Projeto Resgate**. AHU-ACL-CU-013, Cx. 1, D.1.
- BALÉE, W. **Footprints of the Forest: Ka'apor Ethnobotany** – the historical ecology of plant domestication by an Amazonian people. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994.
- BARRETO, Cristiana N. G. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- BETTENDORFF, João Felipe. **Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2010.
- BOOMERT, A. Gifts of the Amazon: green stones pendants and beads as item of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean. **Antropologica**, 67: 33-54, 1987.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRAUDEL, Fernand. **Gramática das Civilizações – 3ª ed.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BROCHADO, J. P. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America**. Tese de doutorado. Ann Arbor: University of Illinois at Urbana Champaign, 1984.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- CORRÊA, Conceição G.; MACHADO, Ana Lúcia; LOPES, Daniel F. As estearias do lago Cajari-MA. SIMPÓSIO DE PRÉ-HITÓRIA DO NORDESTE BRASILEIRO. Recife. **Anais**. Recife: UFPE, 1991. P. 101-103 (Clio Série Arqueológica n. 4), 1991.
- CARNEIRO, Robert L. A Theory of the origin of the State. **Science**, 169: 733-738, 1970.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. **História dos Índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, (2ª edição, 6ª reimpressão), p. 9-36, 2009.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1986.
- CHAUNI, P. **Conquista e exploração dos novos mundos (século XVI)**. São Paulo, Edusp, 1984.
- COSTA, Marcondes Lima; SILVA, Anna Cristina R. L. da; ANGÉLICA, Rômulo S. Muyrakytã ou Muiraquitã, um talismã arqueológico em jade procedente da Amazônia: uma revisão histórica e considerações antropogeológicas. **Acta Amazonica** 32 (3): 467-490, 2002.
- COSTA, A. F.; HISSA, S. de B. V.; AZEVEDO, L. W. de ; TRAMASOLI, F.; AMATUZZI, L. J. O universo cotidiano e simbólico da cerâmica das estearias: uma análise da coleção de Raimundo Lopes (MN-UFRJ).

**Revista de Arqueologia Brasileira**, vol. 29. N. 1, pp. 161-187, 2016.

COSTA, Maria Heloísa Fénelon; MALHANO, Hamilton Botelho. Habitação indígena brasileira. In: KROEBER, Anthony Seeger; RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy; TRAVASSOS, Elizabeth; VIDAL, Lux; COSTA, Maria Heloísa Fénelon; MÜLLER, Regina Aparecida Polo; DORTA, Sonia Farraro; VINCENT, William Murray. **Suma etnológica brasileira: edição atualizada do Handbook of South American Indians**. Volume 2. Tecnologia indígena. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

CHUDNOFF, Martin (1984). [Tropical Timbers of the World](#). Madson: Departamento de Agricultura, 1980.

DANIEL, João. **Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas: 1722 – 1776**. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Minion, 2004.

DENEVAN, W. M. **Cultivated landscapes of native Amazonia and the Andes**. *Oxford Geographical and Environment Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

D' EVREAUX, Yves. **Continuação da História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614**. Brasília: Senado Federal, 2008 [1615].

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 1969.

FRANCO, José Raimundo Campelo. **Segredos do rio Maracu: a hidrogeografia dos lagos de reentrâncias da baixada maranhense, sítio Ramsar, Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2012.

GAIOSO, Raimundo J. de S. **Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão**. Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro editora, 1818 [1970].

GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures**. New York: Basic Books, Inc., 1973.

GELL, Alfred. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon Press, 1988.

[GOMES, Denise M. C. Politics and Ritual in Large Villages in Santarém, Lower Amazon, Brazil](#). *Cambridge Archaeological Journal*, v. 1, p. 1-19, 2016.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. In: **Bol. Museu. Paraense Emílio Goeldi**, Belém, vol. 7, n. 1, p. 133-159, 2012.

GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUIDON, N. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). In:

[HAUG, G. H.](#); [GÜNTHER, D.](#); [PETERSON, L. C.](#); [SIGMAN, D. M.](#); [HUGHEN, K. A.](#); [AESCHLIMANN, B.](#) *Science*, 299 (5613):1731-5, 2003.

HECKENBERGER, Michael. Ecologia do poder: a base simbólica da economia política na Amazônia, pp. 39-69. **Amazônia além dos 500 anos**, FORLINE, L. C.; MURRIETA, R. S. S.; VIEIRA, I. C. G. (orgs.). Belém, 2005.

HERIARTE, Mauricio de. Descrição do Maranhão, Pará etc. **Vienna D'Austria: Imprensa do filho de Carlos Gerold**, 1874 (Versão Digitalizada)

HOLANDA, S. B. de. **A visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

LAGROU, Els. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

LEITE FILHO, Deusdedit. Ocupações pré-coloniais no litoral e nas bacias lacustres do maranhão. In: Pereira, E.; Guapindaia, V. (orgs.). **Arqueologia amazônica**, 2 vols., pp. 743-773, 2010.

LEÓN-PORTILLA, M. **Visión de los vencidos. Relaciones indígenas de la Conquista**. México: UNAM, 1984.

LIMA, Olavo Correia; AROSO, Olir Correia Lima. **Pré-história maranhense**. São Luís: Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, 1991

LOPES, Raimundo. **O torrão maranhense**. Rio de Janeiro. Typographia do Jornal do Commercio, 1916.

LOPES, Raimundo. A civilização lacustre do Brasil. **Boletim do Museu Nacional**, anno.1, n. 1, p. 86-109. Rio de Janeiro, 1923.

LOPES, Raimundo. A civilização lacustre do Brasil. **Boletim do Museu Nacional** 1 (2), pp. 87-109. Rio de Janeiro, 1923.

MARQUES, César A. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Editora Fon-Fon e Seleta, 1970 [1870].

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste brasileiro**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

MEGGERS, B. J. Environmental limitations on the development of culture. In: **American Anthropologist** 56(5), p. 801-824, 1954.

MELATTI, Júlio César. **Os índios do Brasil**. São Paulo: Hucitec/Ed. da UnB, 1987.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTEIRO, J. M. **Brasil indígena no século XVI: dinâmica histórica tupi e as origens da sociedade colonial**. In: *Ler História*, 19: 1-103, 1990.

[NAVARRO, A. G.](#) O complexo cerâmico das estearias, Maranhão. In: **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia:**

rumo a uma nova síntese. Belém: Museu Emilio Goeldi e IPHAN, vol. 1, p. 158-169, 2016.

NAVARO, A. G. A pré-história da Baixada Maranhense: datação radiocarbônica de de cinco estearias. In: ZIERER, A.; VIEIRA, A. L. B.; ABRANTES, E. S. (orgs.). **História Antiga e Medieval. Sonhos, mitos, heróis: memória e identidade.** São Luís: Editora UEMA, pp. 369-380, 2015.

NAVARO, A. G. N.; SBRANA, D. **“À maneira de sobrados”:** vestígios dos povos das estearias a partir dos documentos coloniais. São Luís, 2015, texto não publicado.

NAVARO, A. G. O projeto arqueológico acadêmico: carta arqueológica das estearias da porção Centro-Norte da Baixada Maranhense. In: BANDEIRA, Arkley Marques; BRANDI, Rafael de Alcantara (Orgs.). **Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão.** São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural, p. 133-148, 2014.

NAVARO, Alexandre Guida. O povo das águas: carta arqueológica das estearias da porção centro-norte da baixada maranhense. In: **Caderno de Pesquisas**, São Luís, v. 20, n. 3, p. 57-64, 2013.

NEVES, Eduardo G. **Arqueologia da Amazônia.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2006.

NOELLI, Francisco S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia.** São Paulo, Universidade de São Paulo, vol.39, n° 02,1996.

O’ GORMAN, E. **La invención de América.** México: UNAM, 1984.

PEREIRA DO LAGO, B. **Itinerário da província do Maranhão.** São Paulo: Editora Siciliano, 2001 [1872].

PAUKETAT, Timothy. **Chiefdoms and Other Archaeological Delusions.** Altamira Press. Landham, 2007.

PORRO, A. Arte e simbolismo xamânico na Amazônia. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi.** Ciências Humanas. Belém, vol. 5, n.1, p. 129-144, 2010.

PORRO, A. **As crônicas do rio Amazonas.** Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1992.

PROUS, André. A pintura em cerâmica tupiguarani. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 213, p. 22-28, 2005.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira.** Brasília: UnB, 1992.

REICHEL-DOLMATOFF, G. **Amazonian Cosmos.** Chicago: University of Chicago Press, 1971.

RIBEIRO, B. **O índio na história do Brasil.** São Paulo: Global Editora, 1983.

ROE, P. G. **The cosmic zygote: cosmology in the Amazon Basin.** New Brunswick: Rutgers University Press, 1982.

ROOSEVELT, A. C. Interpreting Certain Female Images in Prehistoric Art. In: **The Role of Gender in Precolumbian Art and Architecture (Virginia E. Miller editor)**, p. Lanham, MD.: U. Press of America, p. 1-34, 1988.

ROOSEVELT, A. C. **Mound-builders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil.** Studies in Archaeology.San Diego: Academic Press. Monograph, 1991.

ROSTAIN, Stéphen. Cacicazgos guyanenses: mito o realidad? In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. (Orgs.). **Arqueologia Amazônica** vol. 1, Belém: MPEG, IPHAN, SECULT, p. 169-192, 2010.

SCHAAN, Denise P. **Cultura marajoara.** Edição trilingue: português, espanhol, inglês. Belém: SENAC, 2009.

SCHAAN, Denise P. Estatuetas antropomorfas marajoara: o simbolismo de identidades de gênero em uma sociedade complexa amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi.** Belém, v. 17, n.2, p. 437-477, 2001.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Re-Constructing Archaeology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SIMÕES, M. F. As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981). **Acta Amazonica,** Manaus, v.11, n. 1, Suplemento, 1981.

SIMÕES, M.; ARAUJO-COSTA, F. Áreas da Amazônia legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. In: **Publicações Avulsas do Museu Goeldi,** Belém, 1978.

TODOROV, T. **La conquista de América: el problema del otro.** México: Siglo XXI, 1987.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo: as cartas que batizaram a América.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância da alma selvagem.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002.